

Nós falamos mal, mas você pode fazer melhor

Do ponto de vista da clareza e da gramática, o primeiro debate dos candidatos deixou a desejar. Mas, para os brasileiros interessados em dominar o português, novas obras de referência podem ajudar a enriquecer o idioma cotidiano.

Revista Veja - por Jerônimo Teixeira e Daniela Macedo

Na quinta-feira última, a Band levou ao ar o primeiro debate da corrida presidencial deste ano, com a presença dos três principais candidatos - Dilma Rousseff, José Serra e Marina Silva - e de um nanico enfezado, Plínio de Arruda Sampaio. Mas quase nada foi oferecido ao eleitor que porventura tenha assistido às duas horas de perguntas, respostas, réplicas e tréplicas: na maior parte, o debate foi simplesmente ininteligível. Os candidatos, em especial Dilma Rousseff, afundaram-se em anacolutos, solecismas, frases inconclusas e erros gramaticais. Dois homens e duas mulheres cujo ofício público exige a formulação clara de propostas concretas e princípios abstratos falharam todos, em maior ou menor medida, no uso de uma ferramenta básica: a linguagem. Será a língua portuguesa tão complexa a ponto de enredar aqueles que se propõem a dominá-la? Diante do fiasco desses profissionais, as pessoas comuns têm alguma esperança de expressar-se com maior clareza e eficiência? As respostas a essas duas perguntas são, pela ordem, não e sim. Para quem está empenhado em aperfeiçoar o manejo do idioma - e não será necessário lembrar que o seu domínio, na fala ou na escrita, é crucial para o crescimento profissional, as oportunidades e as ferramentas são cada vez mais numerosas. Livrarias, bibliotecas e dicionários estão acessíveis pela internet, e a oferta de instrumentos auxiliares vem crescendo em volume e qualidade.

Neste ano, uma obra fundamental para quem busca aprimorar a expressão verbal voltou às livrarias, depois de muitos anos de ausência. Seu extraordinário autor não era gramático nem lexicógrafo por formação. Formara-se agrimensor, em Ouro Preto, mas também ensinava línguas em sua cidade natal, Goiás Velho. Certo dia, Francisco Ferreira dos Santos Azevedo (1875-1942) passeava pelas ruas de Goiás Velho - sempre munido do caderninho em que tomava nota das conversas que tinha com os passantes - quando surpreendeu um grupo de meninos fazendo desenhos pornográficos em um muro. Francisco Ferreira aproveitou a oportunidade para, a partir do desenho, explicar conceitos de geometria - e ainda corrigiu a grafia de um palavrão. Prova de seu amor pela língua, mesmo em suas reentrâncias mais chulas. Conceitos e palavras são a matéria-prima de sua grande obra, o Dicionário Analógico da Língua Portuguesa. Na trilha do então inovador Thesaurus, criado pelo inglês Peter Mark Roget no século XIX, cada verbete do dicionário de Francisco Ferreira é uma fascinante lista de palavras e expressões que gravitam em torno de um conceito. Ao consultar "amarelo", o leitor chega a substantivos como icterícia e açafraão, a adjetivos como fúlvido, e a verbos como auriluzir.

É a obra certa para quem está atrás daquela palavra que parece pairar no ar, mas escapa à memória imediata e que serviria com exatidão para dar corpo a uma ideia. Foi publicado postumamente, em 1950. Há poucos meses, ganhou pela primeira vez uma nova versão, atualizada, pela editora Lexicon (que acaba de lançar também uma edição do Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, de Antônio Geraldo da Cunha). Desde junho, vendeu 10.000 exemplares, número expressivo para uma obra de referência. Tal sucesso demonstra que os brasileiros têm desejo (outras sugestões do dicionário analógico: anseio, ânsia, aspiração, ambição, ardor, avidez, gula) por ferramentas que os auxiliem no bom uso da língua, escrita ou falada. A expressão eficiente, afinal, revela a clareza (exatidão, fluidez, inteligibilidade, transparência) do pensamento - qualidade que, no debate de quinta-feira, andou muito em falta.

Mal amparado por escolas que evadem qualquer menção à análise sintática, o brasileiro nem sempre sabe onde buscar régua e compasso para disciplinar a língua que fala. O português é uma entidade dinâmica, continuamente alterada e enriquecida por novas gírias, expressões, palavras importadas. Mas essa fluidez não faz dela um território sem leis. As gramáticas normativas - como a Moderna Gramática Portuguesa, de Evanildo Bechara - cumprem um bom papel no esclarecimento de dúvidas sobre o que é ou não correto na escrita. A fala, porém, admite muitas construções que seriam aberrantes na página impressa. "Vou no médico", por exemplo, é a forma mais comum em conversas informais, ainda que o correto seja "vou ao médico". O que é preciso é achar o equilíbrio, inclusive nas diferenças de registro: um adolescente não pode empregar com os avós os mesmos termos que utiliza nas baladas com sua turma.

No Brasil, a gramática da língua oral foi alvo de um estudo pioneiro em 1969, quando o linguista Nelson Rossi, da Universidade Federal da Bahia, desenvolveu o projeto Norma Urbana Linguística Culta (Nurc). O trabalho, feito em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife, resultou em 1500 horas de gravações de discursos formais, entrevistas e diálogos envolvendo profissionais graduados de diversas áreas. As transcrições servem, ainda hoje, como base de estudo para teses e artigos. Recentemente, o linguista Ataliba Teixeira de Castilho, um dos coordenadores do Nurc, lançou uma obra de fôlego baseada nesse material de análise. Sua Nova Gramática do Português Brasileiro (Editora Contexto) apresenta um recurso inovador em relação aos similares tradicionais: a análise sintática é feita sobre frases presentes no cotidiano do leitor. Essa aproximação com a realidade estimula a observação dos recursos da língua no dia a dia - nas conversas, nas novelas, nos noticiários. Ou seja, seu livro é uma ferramenta excelente não apenas para aprender a língua, mas também sobre ela.

Nas últimas décadas, por força da urbanização, o fosso que separava a fala culta da "popular" tem se estreitado. Em meados do século passado, por exemplo, "a gente" não era aceito como equivalente de "nós". Hoje, é uma forma perfeitamente apropriada. "Nós" ganhou certo ar formal. "De terno e gravata, a reunião é conosco. De bermuda e chinelo, pode falar com a gente mesmo", brinca o professor de português Sérgio Nogueira. "A gente fomos", é claro, continua sendo o que sempre foi: um erro.

Aberrações como essa agridem tanto os ouvidos como a natureza da língua. O mesmo vale para a moda recente - instigada, talvez, pelo fato inédito de que duas mulheres estão concorrendo à Presidência - de impor uma declinação feminina ao substantivo "presidente". No debate na Band, Dilma Rousseff reafirmou seu desejo de ser "presidenta" do Brasil. Deveriam então os bancos ter "gerentas"?

É saudável manter distância desses modismos linguísticos, que logo viram vícios. A mania recente com os verbos terminados em "izar" é um exemplo. O sufixo geralmente é usado para derivar verbos a partir de adjetivos - de "legal", chega-se, em um passo irretocável, a "legalizar". Mas o "obstaculizar" que anda por aí desvia-se da norma, já que vem de substantivo, "obstáculo" - além de ser feio de doer. Ao lado da correção, portanto, há uma medida mais sutil em jogo: a elegância. Outro exemplo ilustrativo é o chamado "gerundismo". Não é que "vou estar enviando" seja errado do ponto de vista gramatical. Mas o transbordamento de verbos ofende a frase, que diria a mesma coisa com um "enviarei" ou, na fala, "vou enviar".

O "gerundismo" pegou porque alguns creem que essa é uma forma "sofisticada" de falar. Outros, com o mesmo propósito, recorrem ao bacharelismo, confundindo afetação com riqueza vocabular. Na carta aberta de despedida que enviou ao presidente da CBF o técnico Dunga, por exemplo, enredou-se em frases longas e mal articuladas e, no final, tascou no texto um pedante "desiderato" - que é só um desejo. Dunga não faz defesas nos tribunais, não é candidato a cargo eletivo, não vive de proferir palestras. Não se espera e não se quer de um técnico da seleção que ele fale como um laudo jurídico. Mas, como muitos brasileiros, Dunga teve medo da simplicidade. Trata-se de um medo infundado: ser simples é ser elegante. Dizer mais com menos é o ideal. E "falar difícil" é andar na contramão do bom-senso. No século XVII, o padre Antônio Vieira (que hoje, é verdade, soa rebuscado) já pregava a simplicidade. "O estilo há de ser muito fácil e muito natural", recomendava ele no Sermão da Sexagésima.

E aí se chega a uma recomendação que todo cidadão vem ouvindo desde que se sentou pela primeira vez nos bancos da escola: ler é indispensável para quem quer se expressar bem. E ler inclui de Machado de Assis e Graciliano Ramos até um blog decente na internet (mas atenção: é preciso ler de tudo - não uma coisa ou outra). Ler mostra as infinitas possibilidades de expressão da língua, enriquece o vocabulário (e o bom vocabulário é o melhor amigo da precisão), ensina o leitor a organizar seu pensamento e ainda oferece a ele algo de valor inestimável: conteúdo. Ter coisas interessantes e pertinentes a dizer é o primeiro passo para falar ou escrever bem.

É de bom-tom, ainda, manter os ouvidos afinados com os modos de expressão correntes. À parte alguns elitistas e/ou esquerdistas que acusam a televisão de "empobrecer" a linguagem, o veículo faz um excelente registro da boa fala contemporânea. "Ao eliminar as peculiaridades regionais e etárias da língua, a televisão contribui para formar um português urbano padrão", diz Cláudio Moreno, coordenador do programa de português do Colégio Leonardo da Vinci, em Porto Alegre.

A qualidade gramática das novelas da Globo pode oscilar, mas, em geral, seu texto atinge uma conciliação excelente de coloquialismo e correção. O recurso a gírias regionais, expressões grosseiras e erros de português é, sim, admissível - mas com parcimônia. "Nesses casos, deve-se deixar claro para o espectador que aquele linguajar é uma licença da ficção para retratar um tipo peculiar", diz o roteirista Silvio de Abreu. Em *Passione*, há um desses tipos peculiares - e cômicos: Candê, a verdureira suburbana vivida por Vera Holtz, que gosta de chutar a concordância (diz frases como: "fazem dois dias que não vejo ela"). "O que interessa é que os personagens falem de maneira natural. Com correção, mas não afetação", diz Abreu. E exemplifica: "A frase 'gostaria que você me fizesse um favor', não é muito coloquial. É melhor dizer assim: 'Dá pra você me fazer um favor?'".

É pena que os candidatos não tenham demonstrado o mesmo comprometimento com a transparência e a correção da linguagem. No auge da democracia clássica grega, no século V a.C; a fala era a principal arma de intervenção na vida pública. Em Roma, a retórica conheceu seu ápice com Marco Túlio Cícero (106 a.C.-43 a.c.), que não só foi um brilhante orador, mas também um teórico de sua arte. O orador, dizia ele, devia alcançar três objetivos: *docere* (ensinar), *delectare* (deleitar, agrada-dar) e *movere* (afetar emocionalmente, comover). Confuso, chato, frio, o primeiro debate presidencial falhou nos três fundamentos. Espera-se que, nos próximos encontros, os candidatos consigam, pelo menos, se fazer entender.

Fonte: Revista Veja, editora Abril, 9/8/2010